



JUVENTUDE e TRABALHO

CARTEIRA DE TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL

Desde os anos 90 observamos um aumento dos índices de desemprego e uma intensa precarização do mercado de trabalho brasileiro. Os/as jovens representam um dos grupos mais atingidos por essa realidade. De acordo com um estudo divulgado pelo economista Márcio Pochmann, professor da Universidade de Campinas (Unicamp), com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os jovens de 15 a 24 anos enfrentam cada vez mais dificuldades para entrar no mercado de trabalho e sofrem mais com o desemprego. Dos 8,9 milhões de desempregados no País em 2005, 4,4 milhões tinham entre 15 e 24 anos.

*Devido a pertinência e importância da temática, juntamos algumas informações de pesquisas, artigos e notícias para que nós, que vivenciamos a espiritualidade salesiana nas nossas obras, entendamos mais sobre **JUVENTUDE E TRABALHO**.*

Um levantamento feito por Márcio Pochmann, revelou que o número de desempregados de 15 a 24 anos duplicou em 10 anos. A que o senhor atribui esse forte crescimento?

Paulo Carrano: De fato, ao longo dos últimos anos tem crescido a taxa de participação dos jovens no mercado de trabalho, quer seja como ocupados ou como jovens que procuram empregos e não conseguem (desempregados). Os jovens, cada vez mais cedo, pressionam os mercados de trabalho em busca de ocupação. Evidentemente, a debilidade orçamentária das famílias, que não conseguem manter os jovens num estado de "moratória social" que lhes possibilite concluir a educação básica, é um dos fatores determinantes para o aumento da pressão por vagas no mercado de trabalho. Entretanto, precisamos considerar que conseguir trabalho e rendimento faz parte do jogo de busca por autonomia que os jovens jogam com as instituições – principalmente a instituição família. A pressão dos mercados de consumo e a demanda por lazeres também são elementos que precisam ser levados em consideração na análise desta relação entre emprego, desemprego e inatividade dos jovens. Sobre o papel das políticas públicas para o ingresso no primeiro emprego ou mesmo no auxílio para que estes se mantenham na condição de estudante, podese dizer que elas foram muito pouco significativas nestes últimos dez anos.

fonte: www.uff.br/obsjovem

Juventude é "geração na estaca zero", diz artigo

(...) Pochmann divulgou recentemente um balanço geral da situação do jovem no mercado de trabalho brasileiro, referente ao período 1995/2005. Segundo o estudo, a quantidade de jovens entre 15 e 24 anos que não conseguiu emprego em 2005 foi quase 107% à de 1995. No período, o Brasil gerou 17,5 milhões de novas ocupações, mas apenas 1 milhão e 800 mil foram preenchidas por essa faixa etária. "Há uma crise crônica na transição do sistema educacional para o universo do emprego", aponta o economista.

Impasses e conflitos

Na entrevista, o pesquisador destaca outros impasses e conflitos entre trabalho e juventude no Brasil, definindo um deles como o "diálogo interdito" da juventude com o futuro. "Da década de 40 até o final da de 70, o desemprego não passava pelo contexto da juventude, especialmente para os jovens que tinham acesso ao ensino médio e à universidade. As empresas entravam na corrida para atraí-los e a juventude se sentia capaz de ajudar a construir um Brasil melhor, como o jovem chinês de hoje, que está otimista por participar da transformação da China. Mesmo no regime militar, a juventude brasileira sentia que podia derrubar a ditadura, transformar os valores. Havia um diálogo com o futuro, algo muito diferente da realidade atual, em que esse diálogo está interdito."

Para Pochmann, também há um conflito geracional na questão. "Os filhos podem possuir uma educação melhor que a dos pais, sem necessariamente uma contrapartida em termos de trabalho, status, qualidade de vida. (...) "Com crescimento, de cada 10 vagas geradas, duas são para jovens. Sem crescimento, cai para uma", diz Pochmann, acrescentado que seria essencial o brasileiro entrar mais tardiamente no mercado de trabalho por conta da educação. "Nos países desenvolvidos, de cada 10 jovens, 3 ingressam no mercado. Aqui a relação é inversa, de cada 10, ingressam 7. Nos países desenvolvidos, há um financiamento por mais tempo da inatividade do jovem vinculada ao

ensino. Não é o caso do Brasil. Aproximadamente 40% dos nossos jovens são pobres e a condição para que estudem é que trabalhem ao mesmo tempo. Não temos estudantes que trabalham, mas trabalhadores que estudam. O sentido da política pública está equivocado, porque se pensa em arrumar emprego para o jovem."

Estágio e mercado informal

Marcio Pochmann também vê um impasse enorme na transição do sistema educacional para o mercado de trabalho. "Apenas uns 800 mil, entre os 35 milhões de jovens brasileiros, fazem estágio. Nos países desenvolvidos, a cada 10 ocupados, um é estagiário. E aqui o estágio ainda é uma ocupação precária. Estágio implica a combinação entre formação teórica e abstrata na escola com aprendizagem teórica e prática no mercado de trabalho. No Brasil, fala-se em estágio de 8 horas. O que é isso? Ele não pode ultrapassar 4 horas."

Outro problema é que o trabalho informal, para o economista, vinha sendo uma saída para ocupar os jovens, mas de 1995 para cá a inclusão no mercado tem ocorrido pelos meios formais. "Até 2005, menos de 3% do total de vagas abertas na informalidade foram ocupadas por jovens entre 15 e 24 anos. Esse mercado está se transformando num segmento saturado, objeto de muita competição."

Descompasso na política pública

Pochmann conclui que, em 25 anos sem crescimento na economia nacional, "temos quase uma geração inteira perdida, parte dela envolvida com atividades ilícitas, sem estudo e trabalho. O crescimento pifio faz dessa juventude uma massa à parte. Ela não é mais necessária para o circuito da reprodução e da acumulação de capital. Representa um volume sobrando. Mas essa situação pode ser revertida. É necessário rever as mais de 30 políticas governamentais voltadas à juventude. Há um descompasso abissal entre o que a juventude poderia ser e o que realmente é no Brasil."

FONTE: O ESTADO DE S. PAULO, 21/03/2007

Um novo mundo do trabalho?

Maria Carla Corrochano,
ONG Ação Educativa

Quando falamos em preparação para o mercado de trabalho, do que estamos falando? Eu ampliaria o conceito de trabalho. Entendo o trabalho como a transformação da natureza em produtos ou serviços, portanto em elementos de cultura. O trabalho é, desse modo, o esforço realizado, e também a capacidade de reflexão, criação e coordenação. Ao longo da história, o trabalho assumiu múltiplas formas. No mundo capitalista o trabalho assumiu uma forma muito específica: o emprego assalariado. Para que os trabalhadores fossem convencidos a vender seu trabalho em troca de salário, foi preciso destruir formas autônomas de sobrevivência, criar leis obrigando pessoas livres a trabalhar, reprimir todos aqueles vistos pela elite dominante como vagabundos e indignos. Só no fim do século 19 começam a ser legalizados os sindicatos e esboçadas as primeiras leis em defesa dos trabalhadores. Vale ressaltar que, em determinados grupos sociais, o trabalho pode fazer parte do processo de socialização das crianças, como em sociedades tribais, por exemplo.

Em nossa sociedade, ele está associado mais fortemente à sobrevivência. Mas o conceito de trabalho vai além do seu formato como emprego assalariado, embora nossa tendência seja associá-los. Um exemplo pode ajudar aqui: as mulheres que cuidam de suas casas e filhos estão trabalhando? Evidentemente, mas estão empregadas? Na grande maioria, não! São poucos os países que reconhecem os direitos das mulheres que trabalham no próprio lar! Caminhando nesse sentido, poderíamos imaginar vários outros tipos de trabalho que vão muito além do emprego, tais como o trabalho cooperativo, o trabalho por conta própria etc. Assim, de antemão parece importante ampliar o conceito de trabalho para além do trabalho assalariado. De todo modo, o mercado de trabalho assalariado está atravessando uma de suas maiores crises e vem se transformando ao longo dos últimos anos. No Brasil, é especialmente a partir dos anos 90 que observamos um aumento dos índices de desemprego e uma intensa precarização do mercado de trabalho. No interior dos espaços de trabalho é inegável reconhecer algumas mudanças: ampliam-se ofertas de trabalho que exigem novas competências em uma sociedade do conhecimento.

As transformações ocorrem geralmente nas empresas de grande porte, nas atividades econômicas mais dinâmicas, mas o momento é ainda de convivência, entre o tradicional e o inovador, entre o trabalho convencional e o trabalho dos símbolos, entre os tempos de suor e graxa e uma nova era do conhecimento, que não chegou aos quatro cantos do planeta. Até em um mesmo espaço de trabalho não é difícil encontrar situações de convivência de um trabalho altamente qualificado ao lado de um trabalho precário e degradado, sendo labor, cansaço e penosidade.

Fonte: edição nº 376, maio de 2007.
jornal Mundo Jovem



- Políticas recomendadas:
- Instituir políticas econômicas que sustentem a ampliação de emprego, com especial atenção para a inclusão de jovens.
 - Garantir que os(as) jovens estudem e não precisem trabalhar antes dos 16 anos.
 - Ampliar o debate sobre o mundo do trabalho nas escolas, incluindo nos currículos do ensino médio a questão profissional.
 - Criar fundos de apoio a projetos desenvolvidos por jovens, apoiando técnica e financeiramente empreendimentos juvenis, facilitando, inclusive, o acesso ao microcrédito.
 - Fomentar a educação profissional como formação complementar à educação básica.
 - Ampliar o envolvimento das empresas na formação profissional, visando ao acesso a oportunidades de trabalho para os(as) jovens”

Para download da publicação:

http://www.ibase.br/userimages/dialogo_juv_final21.pdf

“[...] as condições que os jovens enfrentam no mercado de trabalho também são muito diversas e, para a grande maioria, adversas. Assim como as taxas de desemprego, as de trabalho precário também são maiores entre os jovens. Dos 65% de jovens entre 16 e 24 anos que estavam, em 2001, segundo o IBGE2, na condição economicamente ativa, quase 18% não tinham emprego, o que significava 3,5 milhões de pessoas, representando quase a metade dos desempregados do país. O desemprego também se distribui desigualmente: é maior para jovens negros (23,8%) que para brancos (16,4%); para as moças (22,2%) que para rapazes (14,5%); e também superior entre os jovens das famílias mais pobres (26,8% na faixa de rendimento familiar *per capita* inferior a meio salário mínimo). Entre os jovens que trabalham, 78% são assalariados, mas a maioria em situação de informalidade (40,5%). Um número grande de jovens trabalha sem receber nada: 16,3%. Também os dados relativos à carga horária média e nível de remuneração lhes são nitidamente desfavoráveis”.

Fonte: Documento de Conclusão do Projeto Juventude. Para download:

<http://www.interagir.org.br/politica/boletim/arquivos/projetojuventude.pdf>



Revista Onda Jovem - edição toda voltada para temática do Trabalho. Para Leitura:

<http://ondajovem.terra.com.br/indice.asp?idedicao=2>

Pesquisa do Dieese: A ocupação Juvenil nos Mercados Metropolitanos. Para Download:

http://www.dieese.org.br/esp/estpesq24_jovensOcupados.pdf

